

RECENSÃO

YOUNG, William P. *A Cabana*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

O livro, objeto desta recensão teológica, é *best-seller* internacional, com mais de 15 milhões de exemplares vendidos, em mais de vinte línguas; é do gênero “ficção”, o que precisa logo de uma explicação. Ele trata de elementos essenciais e centrais da teologia cristã. A simbólica trinitária, imagem cristã de Deus, a salvação, a forma da redenção, a criação, a comunidade eclesial, tudo é passado a limpo nas cenas e nas falas dos personagens. O livro produziu um verdadeiro movimento religioso, fascinou cristãos mundo afora, tornou-se até leitura de retiro de religiosos, forma de revisão da experiência de fé, e, sobretudo, terapia religiosa, cura das feridas interiores e exercício de perdão. Mas suscitou, também, ao menos nos Estados Unidos, a ira de ministros religiosos que viram nele a heresia e a deformação do que há de mais central na fé cristã, e de forma tão sedutora, que parece ser escrito por um anticristo.

Na verdade, o escritor William Young, canadense de origem, filho de missionários radicados por muitos anos em Papua Nova Guiné, onde viveu sua infância, doutorou-se em *Divinity*, o que equivale à Teologia. Qualquer leitor de *A Cabana* se dá conta de que o autor, que maneja bem a ficção e se revela um escritor com momentos muito felizes ao longo das páginas desse *best-seller*, é também um bom conhecedor de teologia e também das atuais condições que atravessam as Igrejas nos Estados Unidos. Ele tem sua residência e seu trabalho em Portland, Oregon. É convidado por muitas comunidades a fazer conferências e pregações por todo o país. Pode-se saber do autor suas motivações pessoais e as circunstâncias em que escreveu esta narrativa – para seus filhos, para fortalecer a fé que enfrenta perguntas cruciais do tipo “Se Deus é bom e poderoso, por que há sofrimento inocente?” – diretamente em um site dedicado ao livro: <http://theshackbook.com>

A narrativa se desenrola em torno da figura de Mack, um pai de família que porta uma dor profunda e resistente desde o trágico sequestro de sua pequena filha, violentada e assassinada. Um dia recebe pelo correio um bilhete de nada menos que Deus, marcando com ele um

encontro no mesmo lugar em que foi violentada e assassinada sua filha – a cabana-tapera. Hesitante e resistente, Mack volta, portanto, à sua ferida, e ali encontra Deus, e com ele passa um *week-end*. De surpresa em surpresa, numa condição atemporal e calma, ele se encontra com o Pai – ou “Papai” –, surpreendentemente uma mulher negra e forte, sorridente e boa cozinheira, e com o Filho, um típico companheiro gentil, e com o Espírito Santo, cujo nome mais profundo é Sofia – uma mulher jovem, deslumbrante, uma terapeuta que mexe com a cabeça e o coração. Tem até jantarzinho íntimo com os três, regado a bom vinho e com as iguarias preparadas por Papai, a bem humorada negra divina. Há momentos de dor terapêutica, expressão de revolta e lágrimas de luto, enfim a reconciliação e a experiência libertadora do perdão. O que se diz no livro é belo e comovente, é um processo de cura e de reencontro da fé num patamar de mística cristã, com grande dose de amor ao mundo, até ao carrasco da inocência.

Por que então a fúria de alguns pastores? É que o livro deixa claro que as igrejas em geral fazem parte de “sistemas” humanos que mais apagam a fé do que a sustentam. Poderia ser classificado como um libelo de exaltação a um “cristianismo sem igreja”. Basta, para quem crê na verdade deste livro, cultivar a intimidade com a amizade divina, compartilhada com amigos, ao redor de uma mesa, com um bom vinho dominical. E amar platonicamente a todos, a toda criatura. Não falta, nos *youtubes*, que se pode assistir com o mesmo endereço do *site*, quem pense que o despeito dos adversários do livro se explique pelo receio de diminuição do dízimo nas suas igrejas. O que pensar?

De fato, independente das diferentes motivações que levaram diferentes tendências eclesiais, tão disparatadas nos EUA como aqui, é que tanto a imagem de Deus como a imagem da Igreja tem sérios problemas neste lidíssimo livro, e a beleza e a mística terapêutica do livro facilmente encobrem esses problemas para grande parte dos leitores desavisados e fascinados, inclusive em nossos meios religiosos. Apesar de aspectos sugestivos, Deus é muito *new age*, demasiado estético e demasiado americano! Aliás, o tradutor poderia nos ter poupado das exclamações tipicamente americanas de Deus, como o “Waw!” Além disso, o autor parece não se importar com uma das grandes lições da história do Cristianismo quando se trata de representar Deus: a iconografia deve ser sóbria, mais sugerir do que propriamente representar. E aqui temos detalhes de cinema americano, um realismo mundano que leva sem preocupações a um colorido triteísmo. Claro que a representação

feminina tanto de “Papai”, negra, como do Espírito, a bela Sofia, de cabelos longos e pele suave, tem algo da teologia trinitária que hoje se busca resgatar. Mas o realismo e a estética prendem-se às figuras e criam um mundo ou um “antissistema” fantástico. No final se fica sem saber se foi algo que se passou dentro do personagem, uma descida à sua própria cabana interior, ou algo objetivo. O autor nos leva para a primeira hipótese, o que cria um novo problema: o acesso à experiência de Deus é interior, coincide com o Eu profundo, o *self* junguiano. Também não haveria nada de errado se não fosse o fato de que, por outro lado, ao contrário de Santo Agostinho, que percebia na experiência cristã de Deus uma presença mais íntima do que o interior, mas também mais acima, portanto exterior a si, aqui não: fora tudo é “sistema” do qual é necessário se libertar. E aqui está o problema com a Igreja: ser cristão não é reduzir-se a uma pertença institucional, é certo, mas é ser membro de uma comunidade eclesial. Fora dos laços de pertença a uma comunidade não há salvação. E comunidade cristã é ao mesmo tempo de carne e osso e aberta a todos sem exclusão, tendo os pequeninos, portanto os pobres, os doentes, os migrantes e de outras etnias – para falar em desafio americano – no centro da comunidade! Este é um grande desafio do Cristianismo atual, sobretudo no Ocidente. Até porque é um desafio à atual sociedade sem comunidades, uma “pós-sociedade”, seguindo as análises de Touraine, uma rede de individualidades flutuantes e relações performáticas, em que desemboca a história do Ocidente. A solução do livro é uma comunidade de amigos, *soft* e suavemente narcisista, apesar de dizer ao contrário, de forma elegante. *A Cabana* não só relativiza as igrejas, mas as dispensa. Como dispensa um engajamento social que precisa levar em conta as instituições como formas estáveis e fiéis de serviço eficaz. É um cristianismo que se pretende acima das igrejas, nos laços de amigos, ao redor de um bom vinho, em *fim-de-semana* de condomínio, com um mundo ao redor idealizado. A realidade e o Evangelho são assim? Este é o debate que deveria seguir a leitura de *A Cabana*.

A séria interrogação não anula aquilo que o livro tem de substancioso e que é a chave de seu sucesso: seu método terapêutico, ao menos até quase o final. O livro “faz bem” às nossas feridas. E quem não as tem?

Fr. Luiz Carlos Susin

Professor das PUCRS. Membro do Conselho Editorial